

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de S. Paulo Class.: Antropólogos
Data 12/11/90 Pg.: 109

Ridley Scott na Amazônia

Antropólogo propõe "capitalismo verde"

Ricardo Arnt

Diretor estreou
com 'Os Duelistas'

Da Redação

Do enviado especial a Belém

Darrell Posey está enfasiado com campanhas de salvação da Amazônia. Vê um Grand Canyon entre a dinâmica política e as propostas ambientalistas. O "Projeto Caiapó" e o "Núcleo de Estudos Etno-Botânicos", que dirige no Museu Goeldi, dedicam-se a projetos práticos. Visam tornar economicamente rentáveis as tecnologias indígenas na medicina, silvicultura, agricultura, apicultura, seleção genética, manejo de solos, fauna e flora. Na sua opinião, os índios não têm alternativa fora de uma saída "econômica".

★
Folha — Você fala em "democracia do consumidor" e "capitalismo verde". O que é isso?

Darrell Posey — É uma constatação. Estive na Romênia, na Albânia, na China, na Jugoslávia e na China, recentemente. Não importa se é capitalismo ou comunismo, as pessoas querem consumir. O capitalismo chegou ao Leste e vai aumentar as pressões que nos trouxeram à crise. O clima está mudando, os recursos se esgotando e a diversidade biológica terminando. Resta apenas orientá-lo, reformando a produção e os padrões de consumo.

Folha — Isso parece catastrófico.

Posey — E é. Apertem os cintos. Peguem os salva-vidas. Preparem-se para o choque. Não há combustível que sustente a voracidade atual. Vai haver co-

lapso.

Folha — Os ambientalistas estão fora da realidade?

Posey — Estão. Argumentos morais não bastam. Na Alemanha há 85 grupos de defesa da floresta tropical. Querem proteger o índio. Mas não admitem que existam aqueles que não queiram ser protegidos. Índios querem passar para o outro milênio. Precisam de dinheiro para se defender. Não há opção.

Folha — Você não teme que essa nova economia natural engendre um novo colonialismo?

Posey — Temo. Temo essa onda de eco-empresas e consumo iluminado. A cultura indígena tem de ser defendida de companhias farmacêuticas, geneticistas, químicos e economistas. Por isso defendo os "direitos de propriedade intelectual". É preciso criar mecanismos que assegurem compensação a esses conhecimentos. O mercado anual de plantas medicinais movimenta US\$ 43 bilhões. O mercado de inseticidas e materiais genéticos, US\$ 40 bilhões. A indústria de sementes, sozinha, US\$ 15 bilhões por ano.

Folha — Você está abrindo uma "caixa de Pandora"?

Posey — Estou. Não aceito o falso paternalismo que permite a cientistas, antropólogos, artistas e empresários lucrarem com a evanescente cultura indígena. Queremos livre acesso aos saberes deles, mas nossas invenções são patenteadas. Precisamos de uma ética eco-étnica. Esse é o atalho para o "capitalismo verde".

(Ricardo Arnt)



O antropólogo norte-americano Darrell Posey, pesquisador do Museu Goeldi de Belém, em entrevista

"Blade Runner" ("O Caçador de Andróides", no Brasil) firmou o inglês Ridley Scott, 51, como um dos principais cineastas contemporâneos, em 1982. Desde 1979, com o horripilante e igualmente futurístico "Alien, o Oitavo Passageiro", o diretor, egresso do cinema publicitário, conheceu a popularidade e o sucesso de bilheteria.

Os cinéfilos o notaram em 77 com "Os Duelistas", baseado numa novela de Joseph Conrad e considerado um dos melhores filmes sobre a época de Napoleão, na França. Seu senso agudo de cor e iluminação reafinou-se em "Alien" e "Blade Runner". Este entronizou o ator Harrison Ford, no papel de um detetive caçador de andróides.

Em 1985, Scott fez "A Lenda", uma história fantástico-infantil, decepcionante pela ingenuidade. Em 1987, obteve sucesso novamente com "Someone To Watch Over Me" ("Perigo na Noite") onde um policial de origem modesta resistia aos encantos de uma jovem milionária que devia proteger.

Seu último filme "Black Rain" ("Chuva Negra"), em 1989, trata de um detetive americano (Michael Douglas) encarregado de extrair para os Estados Unidos um prisioneiro da Máfia japonesa. Seu desprezo pelos japoneses valeu-lhe acusações de racismo.